

IMPACTOS DA CRISE DE 2009 E AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE FRANCA PARA SUPERÁ-LOS

Larissa Garcia

Marco Aurélio A. Lemos

Marlon Silva de Andrade

Vanessa Brunetto Pereira

Orientação: Prof. Dr. Hélio Braga Filho

Resumo

Este trabalho tem por objetivo verificar como foi ocasionada a crise econômica de 2009 e quais foram suas influências no mercado de calçados do Brasil e conseqüentemente o de Franca, destacando, entre outros, variações de emprego, desempenho do mercado externo e faturamento acumulado. Sua finalidade é descobrir quais foram as estratégias administrativas utilizadas pelos empresários para contornar os efeitos causados pela instabilidade econômica, através de uma pesquisa bibliográfica apoiada em dados estatísticos, bem como, de uma abordagem junto aos empresários mediante o emprego de um questionário.

Palavras-chave: crise, Franca, economia, estratégias administrativas

Introdução

Este artigo examina como a crise americana impactou sobre o setor industrial calçadista, com ênfase no município de Franca, relacionando os efeitos causados na sua economia durante o ano de 2009, considerando vários indicadores como produção, exportação e importação entre outros.

De acordo com as informações obtidas, procura-se avaliar as possíveis estratégias utilizadas por empresas calçadistas.

Para tanto, no primeiro capítulo há uma reflexão sobre a crise mundial, em seguida, destacam-se os impactos da crise econômica no Brasil, levando a uma continuidade no terceiro capítulo do setor na cidade de Franca. E será desenvolvida a maneira de melhores estratégias utilizadas para amenizar seus efeitos.

Trata-se, portanto de um trabalho bibliográfico e de pesquisa de campo ainda em fase de desenvolvimento.

1. A instabilidade econômica

O mundo passou por um processo de expansão denominado globalização, no qual as barreiras entre países são quebradas. O que trouxe muitos benefícios para o mundo, mas também gerou alguns efeitos contrários. O mundo globalizado trouxe uma maior concorrência, mas também fez com que aumentasse a qualidade dos

produtos, enfim foi a expansão do comércio de mercadorias e serviços. Mas toda essa ligação faz com que toda a economia fique uma ligada a outra, ou seja, se uma falhar, todas as outras são afetadas.

Essa interação de mercado facilitou o comércio entre países, os capitais ficaram mais voláteis, podendo ser aplicados em vários lugares ao mesmo tempo, sempre buscando lucros fáceis e rápidos, porém toda essa facilidade inibiu o governo de controlar sua moeda, e todo esse entra e sai gerou a instabilidade econômica.

Em 1929, quando despencou os preços da bolsa de valores de Nova Iorque e milhares de acionistas perderam valores absurdos, ocasionando a chamada Grande Depressão que se estendeu até a Segunda Guerra Mundial. Os impactos da grande depressão foram sentidos em todo o mundo, alguns com impactos mais fortes e em outros mais de leve. Este fato demonstra que as oscilações na economia de um país podem refletir na economia mundial.

1.1. A Crise de 2009

Quando o índice Nasdaq (mede a variação de preços das ações de empresas de informática e telecomunicações) despencou, e ocorreu o furo da chamada “bolha da internet”, ou melhor, a crise das empresas “pontocom” em 2001. Para proteger os investidores o então presidente da Reserva Federal Americana (Fed, o BC americano), reduziu sua taxa de juros, com o fim de baratear empréstimos e financiamentos e reencorajar os consumidores e empresas a gastar. E orientou o centro dos investimentos para o setor imobiliário.

A demanda por imóveis então cresceu, seus valores aumentaram, e a disponibilização do crédito para financiá-los também, as pessoas passaram a comprar casas na expectativa de valorização e da oportunidade de refinanciamento com lucros. Comprar imóveis se tornou um bom negócio, tanto para quem queria uma casa própria como para quem procurava algo em que investir.

Procurando mais clientes para investir em imóveis, o governo garantia os investimentos feitos pelas empresas Fannie Mac e da Freddie Mac, que então viu a oportunidade de abrir as portas para um novo nicho de clientes, o de pessoas mais simples. Atraídos pelas garantias do governo, bancos de vários países emprestaram dinheiro para essas empresas, que eram autorizadas a captar empréstimos em qualquer lugar do mundo. Formou-se então o segmento “subprime”, caracterizados de modo geral, pela baixa renda, por vezes com histórico de inadimplência e com dificuldade de comprovar renda.

Em uma nova estratégia os bancos criaram uma forma de repassar esses títulos, a securitização. Uma prática financeira que consiste em agrupar vários tipos de ativos financeiros (notadamente títulos de crédito tais como faturas emitidas e ainda não pagas, dívidas referente a empréstimos e outros) convertendo-os em títulos padronizados negociáveis no mercado de capitais. Assim a dívida é transferida,

vendida, na forma de títulos, para vários investidores. Esses títulos podem ser adquiridos diretamente por bancos, distribuidoras de valores e fundos de investimentos como forma de rentabilizar o capital investido. Eles são caracterizados por um compromisso de pagamento futuro.

Nesse passo os investidores vendiam seus títulos para outros bancos, instituições financeiras, companhias de seguros e fundos de pensão por todo o mundo. Gerou então um ciclo de crédito. Em 2005, o Fed aumentou a taxa de juros para tentar diminuir a inflação e com isso o preço dos imóveis caíram, tornando impossível seu refinanciamento para os clientes subprime. Esses clientes logo se tornaram inadimplentes, porém não foi alguns casos isolados, eles se tornaram inadimplentes em massa.

O crédito não era oferecido somente para compra de imóveis, ocasionando um maior endividamento das pessoas, que assim não conseguiam pagar as suas dívidas. Os preços dos imóveis haviam aumentado muito, numa faixa de 150%, uma casa que antes valia 50 mil estava sendo vendida por 125 mil, mas não era só o fato de estarem pagando preços exorbitantes que fizeram estas pessoas pararem de pagar suas contas, mas também o fato do preço dos imóveis terem caído novamente, ou melhor ainda eles estavam pagando 125 mil em algo que valia somente 50 mil novamente. Calculando assim que não compensava continuar pagando a hipoteca de seus imóveis mesmo que o banco retomasse a casa.

Foi gerada assim uma inadimplência assustadora. Já que quando o primeiro tomador do título não pagasse sua dívida inicial, ele dava início a um ciclo de não recebimento por parte dos próximos compradores daqueles mesmos títulos. E é gerada assim uma retração de crédito. Com menos liquidez, menos se compra, o lucro diminui e aumenta o desemprego.

Assim foi desencadeada a crise do subprime, em 2006, a partir da quebra de instituições de crédito dos Estados Unidos que concediam empréstimos hipotecários para pessoas com dificuldades para comprovarem sua renda.

Os bancos entraram em uma situação de insolvência que foi repercutir na bolsa de valores do mundo todo. A crise foi então revelada a todos em fevereiro de 2007, entrando em seu auge em 2008.

Logo em seguida se tornou uma crise global, levando a falência de vários bancos dos Estados Unidos e dos países europeus, ameaçando então o sistema financeiro global.

O ataque final foi quando todo o mercado de empréstimos parou, sendo ele o núcleo do sistema financeiro. Os bancos centrais de todos os países desenvolvidos foram obrigados a injetar rapidamente no sistema financeiro mundial um volume jamais injetado antes, e a estender créditos para uma variedade de papéis financeiros, e tipos de instituições, jamais socorridos antes.

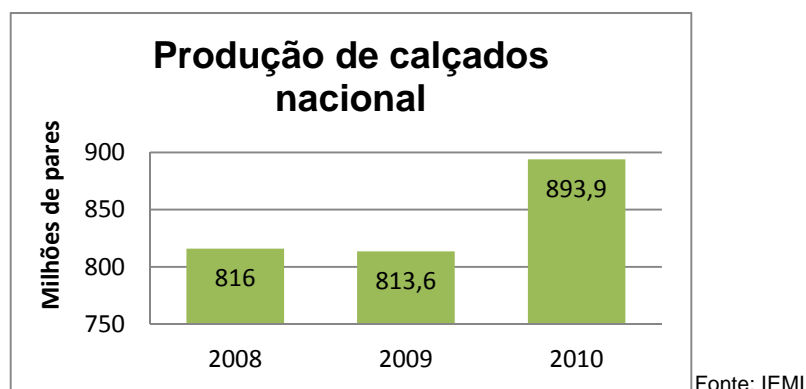
Mesmo os bancos que não faziam empréstimos a pessoas do subprime foram atingidos. Para evitar a quebra de mais bancos, os bancos centrais injetaram liquidez no sistema interbancário, evitando uma crise na chamada “economia real” e que a crise se ampliasse em escala mundial.

O governo dos Estados Unidos passou a socorrer ativamente as empresas financeiras em dificuldades, utilizando 700 bilhões de dólares de seus recursos para ajudar os banqueiros. Os países europeus investiram centenas de bilhões na tentativa de salvar seus próprios bancos. Em 2009, o G-20 se reuniu em Londres e anunciou a injeção de US\$ 1 trilhão na economia mundial para combater a crise financeira global.

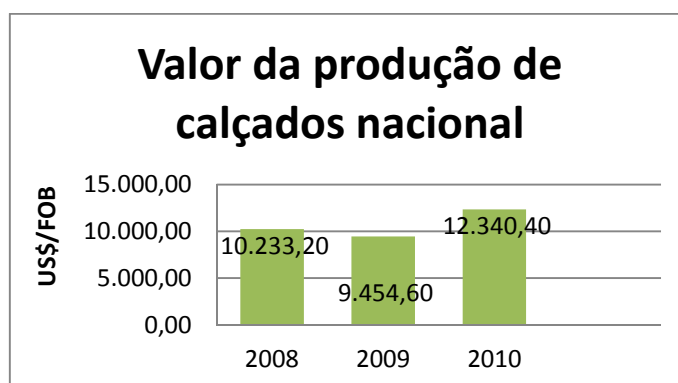
Tal crise afetou não só o mercado de crédito americano, mas toda uma estrutura da qual dependiam empresas importadoras e exportadoras em todos os tipos de segmentos de produtos, o que resultou em uma crise global devido a uma alta dependência do mercado americano, afetando em pouco tempo a economia brasileira, causando assim, uma queda nos principais bens de consumo do país, e em consequência, o mercado calçadista.

2. Reflexos da crise de 2008 na economia brasileira

O Brasil é o terceiro no ranking internacional de produção de calçados ficando atrás somente da Índia e China. Os valores apresentados no gráfico abaixo demonstram a produção nacional de calçados e a variação obtida devido as influências da crise no setor.



De acordo com as informações do gráfico acima, a produção de calçados no Brasil sofreu uma queda de 0,29% do ano de 2008 para 2009. Em 2010 o setor conseguiu aumentar sua produção chegando a 893,9 milhões de pares, 9,86% a mais que o ano anterior. Esta oscilação indica uma redução dos impactos da crise em 2009 e uma retomada da economia em 2010.



Fonte: IEMI, MDIC/SECEX, IBGE

Assim, com a quantidade da produção de calçados sofreu uma variação negativa em 2009, seu valor de produção caiu 778,6 milhões de dólares, retomando em 2010 com um crescimento de 30,52%.

2.1. Mercado Brasileiro – Exportações

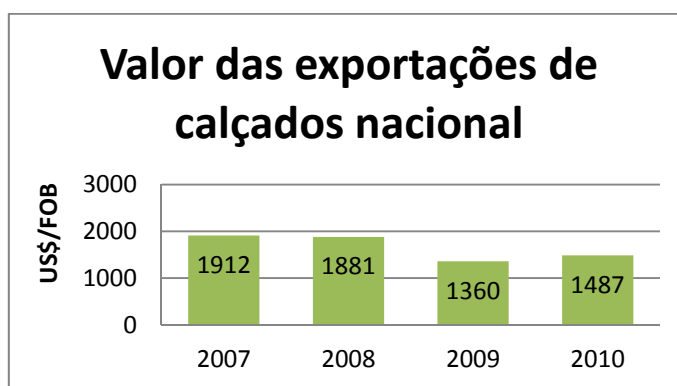
Os dados a seguir demonstram como se comportaram as exportações de calçados do Brasil no período de 2007 a 2010, sendo possível realizar uma análise, utilizando variáveis relevantes ao mercado como: quantidade de pares, faturamento anual e preço médio. Com o objetivo de facilitar a compreensão dos impactos dessa crise na economia calçadista e os resultados obtidos pela indústria durante esse período.



Fonte: MICT/SECEX

Conforme demonstração gráfica acima nota-se que a quantidade de pares exportados sofreu um impacto negativo durante o período da crise, obtendo assim, uma queda em 2009 de 28,81% em relação a 2007, o que equivale a 51 milhões de pares.

Em 2010 as exportações voltaram a crescer, sinalizando uma recuperação na economia calçadista de 9,6% em relação ao ano anterior.



Fonte: MDIC/SECEX

Da mesma forma, é possível observar que o faturamento acompanhou os valores do volume de exportação, não seguindo rigorosamente as porcentagens obtidas, mas apresentando a mesma variação de queda até 2009 começando a se recuperar em 2010.



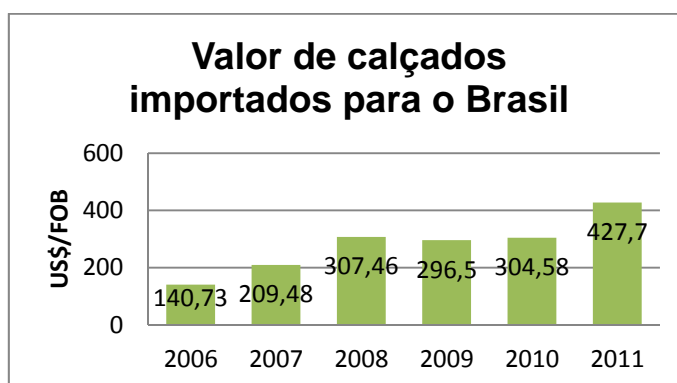
Fonte: MDIC/SECEX

Ao analisar a última variável, preço médio, constata-se que sua variação foi de queda a partir de 2009, não se recuperando igual às outras em 2010, o que pode ser uma estratégia para alavancar as vendas na pós-crise. Em relação ao valor das exportações de calçados do Brasil, percebe-se que em 2008 não teve uma queda tão significativa, pois o preço médio teve um aumento de 5,09% nesse período. Já em 2009 com o auge da crise, o preço médio caiu em 4,93% em relação a 2008. Diminuindo o valor real das exportações

2.2. Importações

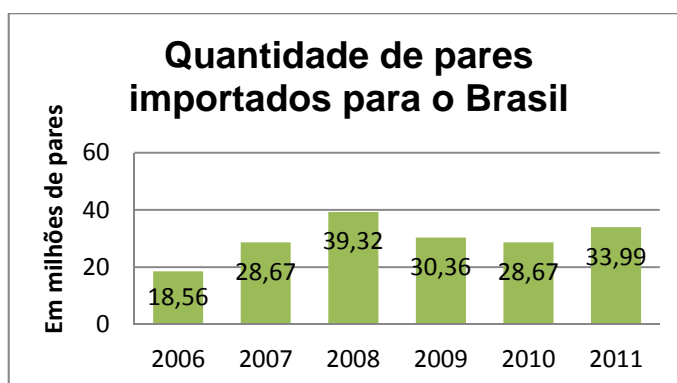
As demonstrações abaixo revelam os valores de importação de calçados nacional durante o período de 2006 a 2011, levando em consideração dois indicadores importantes, importações em milhões de dólares e em quantidade de pares.

Podemos observar uma variação negativa no ano de 2009, o que possibilita relacionar tais dados com o período da crise.



Fonte: SindiFranca

A importação de calçado no Brasil estava em constante crescimento de 2006 a 2008 apresentando uma variação média 47,81% em relação ao valor importado em dólares. Do ano de 2008 para 2009 esta variação tomou um sentido inverso, sofrendo uma queda de 3,56% na importação em dólares e crescendo logo em seguida uma taxa de 2,73% de 2009 para 2010.



Fonte: SindiFranca

A quantidade de pares importados também vinha crescendo desde 2006 até 2008 em uma média de 45,8% ao ano e caiu 22,79% na passagem do ano de 2009. Esta diferença entre valor de importação e quantidade de pares pode ser associada a um aumento no preço médio do calçado importado no período. Isso revela que a crise atingiu o setor calçadista de uma maneira global, e que a queda na produção do calçado nacional não se deve ao aumento de importação.

No entanto começa a se recuperar em 2010, com um aumento de 2,72% do valor em dólares o que não se compara a quantidade de pares que ainda cai 5,54% e ganha força em 2011 com um crescimento de 40,40% da quantidade importada.

3. Indústria Calçadista de Franca

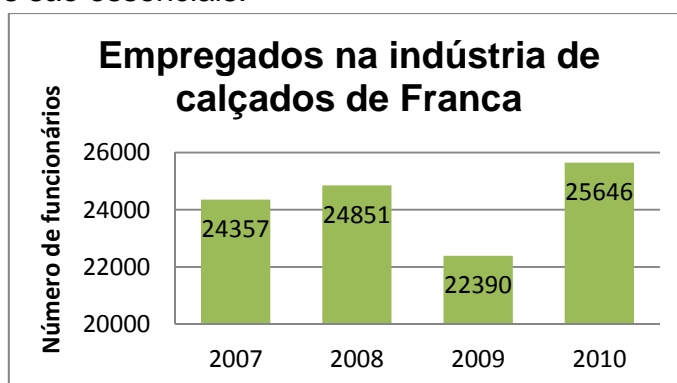
Nesse capítulo verificamos quais foram as influências da crise dentro da indústria calçadista de Franca, utilizando como base, variáveis como: número de

funcionários, capacidade de Produção Instalada e utilizada, Produção anual, vendas para o mercado interno e externo; e a balança comercial.

Em momentos de crise essas estratégias são essenciais para o fluxo de trabalho da empresa.

Momentos de crise sempre existiram e sempre vão existir. Eles permitem o saneamento do mercado, pois é na crise que desaparecem empresas que não conseguem se adaptar, as que conseguem permanecem e outras surgem com inovações que vêm criar novos paradigmas de mercado. (Mario Persona em entrevista ao Jornal Exclusivo)

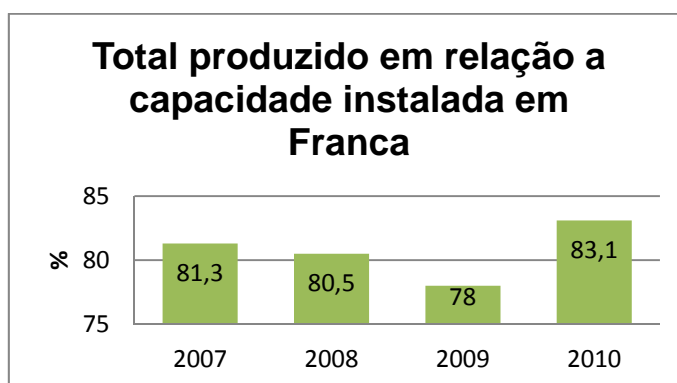
Ainda nos dias de hoje, não tem como estabelecer um conceito único de estratégia, principalmente para quem quer utilizar na prática. Com a disputa entre empresas, todas as ferramentas são uteis para uma grande estratégia, a criatividade e a tomada de decisões são essenciais.



Fonte: CAGED-RAIS/MTE

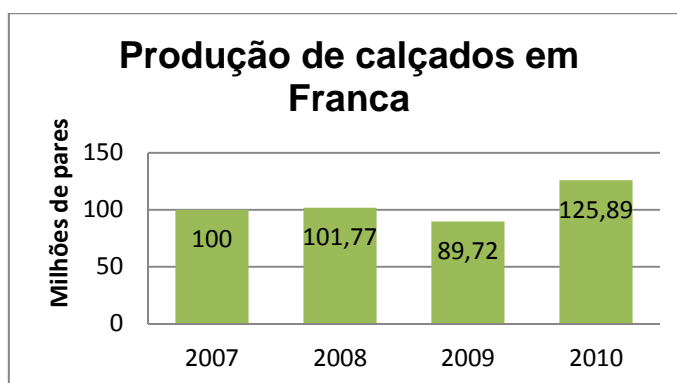
Analisando a quantidade de pessoas empregadas na indústria entre os anos de 2007 e 2010, percebemos que teve um alto índice de demissões na indústria, quando atingido pelo auge da crise, com uma taxa de desemprego de 9,9%, e começando a se recuperar a partir do ano de 2010. Visualizamos também que em 2010 o aumento chegou a crescer 14,54% além da média que havia baixado no ano anterior, o que pode demonstrar uma estratégia de recuperação das vendas, para que a indústria opere mais e tenha melhor resultado pós-crise.

A intenção dos gestores é ter a mão de obra qualificada e aproveitar, principalmente à parte dos insumos, com isso alavancando um diferencial com o concorrente, chamando isso de eficácia operacional.



Fonte: Mapeamento da Cadeia Produtiva Coureiro de Franca/SP E Região

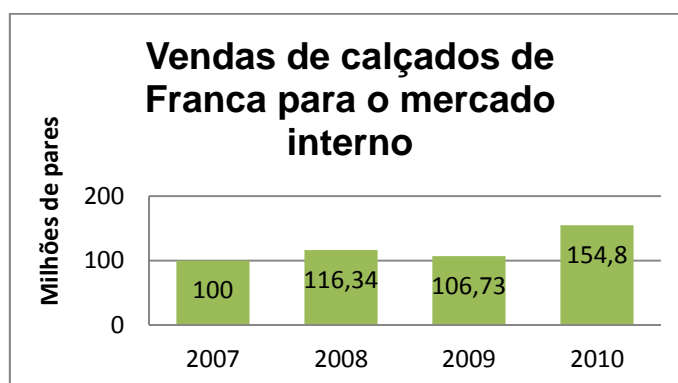
Examinando as informações obtidas, depreendemos que a indústria já trabalhava ociosa anteriormente a crise, e durante a mesma aumentou sua ociosidade em 22% de sua produção, voltando a aumentar sua operação no ano de 2010 diminuindo a ociosidade em 5% em relação ao ano anterior.



Fonte: SindiFranca

Avaliando a quantidade produzida pela indústria, nota-se que o mercado encontrava-se estabilizado até 2009 quando sofre uma queda de 12,05% de 2008 para 2009, equivalente a uma redução de 3,4 milhões de pares de calçados. E ressurgindo, a indústria retorna a produção com um crescimento de 36,17% em relação ao ano anterior.

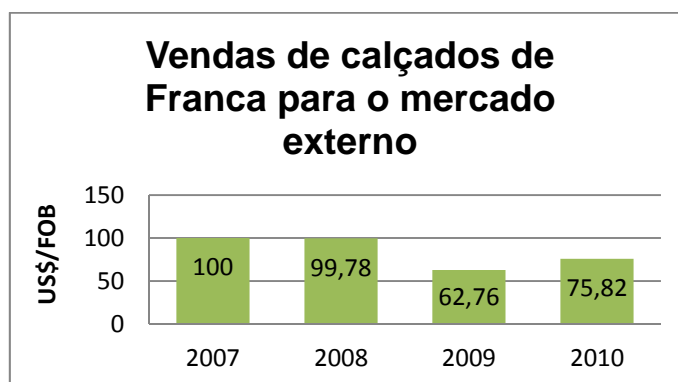
As estratégias administrativas, também conhecidas como estratégias empresariais, são um conjunto de sistemas e decisões utilizadas pelos gestores como forma de conduzir sua empresa perante as alterações do mercado.



Fonte: MDIC/SECEX

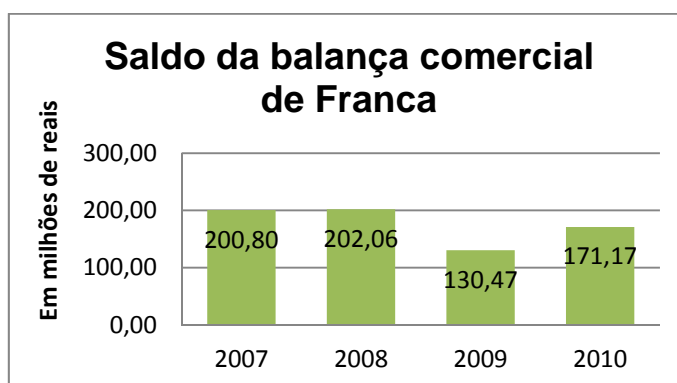
O gráfico acima representa um aumento nas vendas para o mercado interno até o ano de 2008, sofrendo uma queda de 9,6% comparada ao ano de 2009 e crescendo bruscamente no ano de 2010 em uma porcentagem de quase 50% em relação ao ano de 2009. O que indica uma retomada no mercado interno.

Sabemos que o mercado esta em constante mudança, seja por intervenções do governo, seja por alterações das necessidades dos clientes. Tais mudanças forçam o administrador a intervir na sua organização, alterando o preço de seu produto, ou forçando seus representantes a buscar novos mercados seja interno ou externo.



Fonte: MDIC/SECEX

Já o mercado externo em comparação com o mercado interno, constava estabilizado até a entrada da crise e mesmo tendo se recuperado em uma porcentagem de 20,8%, esse valor não supriu a alta queda que teve em 2009. O que se pode deduzir que a recuperação da crise tenha sido melhor nacionalmente que mundialmente, ou seja, os outros países ainda estão tentando se recuperar, pois os impactos foram maiores nos países desenvolvidos.



Fonte: MDIC

Seguindo uma análise do gráfico é possível perceber uma queda de 35,65% na balança comercial do ano de 2008 para 2009, percebendo que foi relativa tanto nas exportações quanto nas importações, porém nota-se também que o valor importado se recupera enquanto o valor de exportação não cresce tão bem. O que comprova que o mercado externo foi bem mais afetado que o mercado interno.

4. Pesquisa

Este artigo tem como objetivo, coletar informações sobre os problemas enfrentados pelas empresas da indústria calçadista, na cidade de Franca. Apresenta dados pertinentes ao assunto, juntamente com uma análise, sendo todas as ideias expressas conforme teorias, não sendo composta por opiniões dos gestores ou proprietários dessas empresas. Este trabalho possui o intuito de introduzir o assunto de forma simples, e, a partir daí, estruturar uma pesquisa para ser realizada em campo, num universo composto por empresas dos mais diversos portes, sendo estas: 212 micro; 195 pequenas; 54 médias e 6 grandes. Destas 467 empresas, 5% será usada como amostra dos resultados, sendo composto por 11 micro empresas, 10 de pequeno porte, 3 de médio e 1 de grande.

A pesquisa será realizada em campo, utilizando questionários destinados aos gestores e entrevistas com os fabricantes que passaram pela crise, e assim coletar informações concretas, analisar os fatos e demonstrar as diversas possibilidades para manter a empresa mesmo durante o período de crise.

5. Considerações finais

Pode-se concluir que, houve sim uma forte influência da crise no setor de produção de calçados brasileira, sendo possível analisar seus efeitos em um dos maiores polos produtores. A crise afetou as empresas em toda a sua estrutura, levando os gestores a uma série de decisões que poderiam mudar o rumo da indústria e influenciar em toda a economia de uma nação. O objetivo do artigo é levantar informações sobre os impactos da crise no setor calçadista com ênfase no município de Franca. E relacionar tais dados com as estratégias utilizadas pelos empresários.

6. Referências

BARROS, Octavio; GIAMBIAG, Fabio (Orgs). *Brasil pós-crise: Agenda para a próxima década*. 1ª Ed. Rio de Janeiro; Elsevier 2009.

FREITAS, Guilherme de Oliveira; JESUS, Amando Silva; SILVA, Samira Cristina da. *O reflexo de uma crise financeira: Um estudo de caso sobre a crise do “subprime”*. 2010, 38f. (Trabalho de conclusão em administração de empresas). Centro Universitário de Franca UNIFACEF, Franca-SP, 2010.

LIMA, Eliana Maria. *O papel dos bancos públicos na crise do subprime (BNDES; Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal)*. 2010, 63f. (Monografia de Graduação de Ciências Econômicas). Centro Universitário de Franca UNIFACEF, Franca-SP, 2010.

MINTZBERG, Henry; QUINN, James Brian. *O processo da Estratégia*. 3ª ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2001.

PORTER, Michel E. *Competição: estratégias competitivas essenciais*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

CACCARELI, Sérgio B. *Estratégias e Sucessos nas empresas*. 1ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2000.